

O PARA-FORMAL NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: CONFIGURAÇÃO E DESCONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

LAÍS DELLINGHAUSEN PORTELA¹; LORENA MAIA RESENDE²; HUMBERTO LEVG DE SOUZA³; EDUARDO ROCHA⁴

¹*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPel – laisdp@gmail.com*

²*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPel – lorenamilitao@gmail.com*

³*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPel – levyarqui@gmail.com*

⁴*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPel – amigodudu@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho permeia entre questões de configuração e desconfiguração dos conceitos urbanos políticos e técnicos de atividades comerciais, culturais e até mesmo relacionadas à moradia que se encontram em espaços públicos da cidade onde, em primeiro plano, não estariam organizados e/ou implantados. Tendo como ponto de partida o termo criado pelo grupo argentino GPA (2010)¹, entende-se por atividade para-formal ou para-fomalidade, um conceito de fronteira que contraria a dualidade entre formal e informal trabalhando em áreas do conhecimento como urbanismo e economia, buscando um modelo de investigação entre categorias, além de alternativas para o alcance das zonas intermediárias e de cruzamento, relacionados a cenas urbanas que hoje estão plenamente inseridas no convívio diário.

Recebem visibilidade, neste momento, os aspectos acima abordados nas chamadas cidades gêmeas da fronteira entre o Brasil e o Uruguai (Santana do Livramento-Rivera, Quarai-Artigas, Jaguarão-Rio Branco, Barra do Quarai-Bella Union, Chuí-Chuy e Aceguá-Aceguá). A partir de uma viagem contínua por toda linha fronteiriça Brasil-Uruguai, a pesquisa² - financiada pelo CNPQ - se dedicou a registrar e compreender as para-formalidades encontradas nessas cidades, através de cartografias urbanas capturadas pelo corpo que caminha, inscreve e assim auxilia a compor um novo universo sobre a cidade na contemporaneidade.

Segundo Deleuze (2006), fronteira pode ser entendida como movimento, construção e produção, aproximando-se mais como abertura e atualidade do que como acabada, finalizada. Locais de mutação e subversão. Também são sítios de agitação e do excesso onde os “limites” são ultrapassados tornando então um espaço de ruptura - conflitante ou pacífica. A escolha pelas cidades de fronteira, nessa pesquisa, se apoia na filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), que rompe com a forma de pensar e representar em um sentido clássico, buscando conhecer a diferença em si, o singular. A fronteira é um lugar de resistência, do ato da criação, onde surgem novos questionamentos e estratégias.

¹ O grupo Gris Público Americano (GPA) é um coletivo independente, formado por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires, integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberri, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger [<https://www.facebook.com/grispublicoamericano.gpa>]. Propõe investigações que tem como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polêmicas e/ou complexas.

² O projeto de pesquisa intitulado “O Para-formal na fronteira Brasil-Uruguai: controvérsias e mediações no uso do espaço público” coordenado pelo Laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, entre os anos de 2015 e 2017, teve como um dos procedimentos metodológicos a pedagogia da viagem. Em março de 2016, um grupo de 22 viajantes-nômades-pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, percorreu toda a extensão da linha de fronteira Brasil-Uruguai (aproximadamente 2.110km) em seis dias consecutivos como estrangeiros e errantes, em uma (i)lógica contínua.

Assim, emerge daí um bloco de problemáticas a ser enfrentado: Que coisas unem e separam essa cidade formal da cidade informal nas cidades da fronteira Brasil-Uruguai? Como se produz a integração de coletivos heterogêneos num mesmo ambiente com seus limites? Que implicações éticas e técnicas têm estas ecologias que denominamos aqui de “para-formais”? Como metodologizar a cartografia urbana para os casos de registro dessas ecologias “para-formais”?

O objetivo geral do estudo é identificar esse para-formal que existe/resiste na fronteira e poder analisá-lo em diferentes propostas de aproximação com a cidade, suas implicações e contribuições, através de elementos de leitura de planos e cartografias. A pesquisa também colabora ao explorar o potencial cultural e pedagógico, entendendo a cidade como uma ferramenta de aprendizado, e ao mesmo tempo, se propõe a confeccionar plataformas interativas que, através de mapas, denunciem a atuação das para-formalidades e sua cultura.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada nessa pesquisa é a cartografia urbana, método que procura percorrer a cidade em busca da diferença, de cenários não marcados no mapa habitual das cidades, como o para-formal; a cartografia não se configura como um método tradicional, é uma maneira de proceder que pode admitir as modificações temporais no espaço e busca mediar a experiência corporal do pesquisador. Um método dinâmico, constituído de infinitas linhas que se cruzam, de dobras, desdobras, de territórios, desterritórios e reterritórios. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009)

Constituindo um método de mapear as dinâmicas da contemporaneidade, é possível construir mapas que nos falem de muitas cidades não visíveis, que convivem com as nossas cidades, mapas que nos falem da vida cotidiana em que vivemos. Se busca a perspectiva contemporânea de experimentar um lugar, com olhares laterais, pelas frestas, que tendem a diminuir a distância entre o observador e o observado, habilitando, assim, uma espécie de mediação subjetiva e circunstancial durante a aproximação ao território cartografado.

Os procedimentos metodológicos que auxiliaram a construção dessa cartografia consistem em: revisão bibliográfica (referencial teórico); a pedagogia da viagem que permitiu a coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais de cidades (experiência prática) e, por fim, identificação, análise e classificação dos equipamentos “para-formais” encontrados (análise projetual).

A pedagogia da viagem acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, mas uma constatação de certos aspectos que estavam ali – ocultos. A viagem embora trace caminhos preparados, conhecidos – “porque de certa forma conhecemos para onde vamos” – pode nos apontar novos e diversos caminhos a seguir (pensar). E no mesmo caminho abrindo brechas para expandir nossos próprios caminhos e sempre reorientar criticamente nossas concepções (cartografia).

A coleta de imagens exploratórias errantes, aconteceu na área central das cidades, por ser um lugar diverso, efêmero, onde os envolvidos eram livres para escolher o percurso (uma vez que o próprio para-formal pode ser ambulante, nômade, sem lugar fixo). O caminhar do errante, aquele que sai sem rumo, não tem um ponto de partida e nem de chegada fixos. Caminha perdido por dentre um território urbano conhecido e ignorado ao mesmo tempo. Ao caminhar esse corpo (usuário, turista, planejador, etc.) cria mapas, deixa marcas e rastros – cartografias urbanas – que podem nos auxiliar a compor um novo universo sobre

a cidade na contemporaneidade (DELEUZE & GUATTARI, 1995; JACQUES, 2012).

A etapa final buscou identificar em cada mapa-fotografia feita durante os trajetos de errâncias os equipamentos para-formais presentes em cada cena registrada. Foram analisados e classificados quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos urbanos/climáticos que possam modificar ou possibilitar as atividades (como o clima, a estação do ano, calçadas, marquises, etc.)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As para-formalidades disputam o espaço com novas construções, as bancas de revistas confundem-se com os vendedores ambulantes, os cartazes anunciando promoções nas lojas e os anúncios das traseiras dos ônibus. Quando muito se vê, pouco se percebe. Em meio a tantas imagens, e seu acúmulo veloz, o homem se espelha e se estranha em seu próprio abandono.

As pistas que a cartografia urbana proporcionou consideram três frentes: o lugar (espaço público), o equipamento e o corpo. O *Espaço público “para-formal”* foi encontrado nas calçadas, rua, embaixo de marquises, esquinas, abandonos, vazios, entre outros. Além de acoplamentos aos equipamentos urbanos (banco, poste, lixeiras, etc.). Os *equipamentos* foram observados quanto ao tamanho, mobilidade e instalações. Localizou-se muitas “para-formalidades” pequenas e móveis e outras muitas grandes e fixas (como os trailers, que possuem, em sua maioria, instalações hidráulicas e elétricas). Por fim, o *corpo “para-formal”* que geralmente está presente nas atividades que observamos e muitas vezes ele é a própria “para-formalidade”, é o protagonista. Podem estar sentados, em pé ou caminhando. Em grupos ou solitários. É aquele que tenta vender seu produto sem “ponto comercial fixo”, sem um local determinado no mapa da cidade, a cada dia ou hora podem se deslocar (ambulante), seja a procura de sombra ou de possíveis novos clientes, mas estão sempre por perto de aparelhos, sejam públicos ou que eles próprios carregam.

Como resultados, percebemos que o para-formal na fronteira Brasil-Uruguai é exclusivamente comercial, denunciando a forte relação de integração econômica entre os dois países. Bem como possui grande influência nesse aspecto o fator comercial que os freeshops localizados nas cidades Uruguaias fronteiriças desenvolvem, esses garantem um forte apelo turístico às cidades estudadas, garantindo o turismo comercial.

No entanto, apesar da unanimidade comercial do para-formal nessas cidades, é perceptível a identidade cultural que cada país carrega. Seja a fronteira estabelecida através de uma via, uma praça ou uma ponte, nota-se que pouco interfere o meio como os países foram divididos – senão por questões territoriais – ambos, por mais proximidade e intersecção de relações e convivências, possuem maneiras peculiares quanto à adaptação para-formal, seja na apropriação de barraquinhas, como ocorre no Brasil, ou adaptando vagas de estacionamento, como no Uruguai.

As praças foram apontadas como um lugar favorável à atuação para-formal em ambas as nacionalidades, uma vez que são consideradas locais de encontro e passagem. As atividades ali instaladas geralmente são de caráter fixo e se apropriam da estrutura de um trailer para realizar a comercialização. No entanto, apesar das semelhanças, ressalta-se a diferença na identidade cultural do produto comercializado de cada país.

Considerou-se como lugar propenso à atuação para-formal os centros das cidades, locais de intensa movimentação e favoráveis aos encontros. Pode-se também perceber a necessidade de uma certa concorrência comercial entre o regulado e o não-regulado, de um agrupamento dessas atividades em determinadas zonas das cidades, no interstício do formal e do informal.

4. CONCLUSÕES

Ao visualizar e reconhecer o para-formal como parte da cidade, dos espaços públicos, é possível refletir a coexistência de uma urbe formal e informal. Conhecer a cidade como um organismo vivo é ir de encontro as frestas, aos espaços indiscerníveis, onde se pode abandonar ou descobrir tudo que outrora havia perdido. Se por um lado a cidade limita, por outro liberta o movimento de vários corpos resistentes, que denunciam as mazelas da espetacularização. É da resistência, da zona de atrito, das fronteiras, que nasce o novo.

Como produto dos estudos realizados, pode-se apontar as seguintes observações: o para-formal é carregado de costumes e identidade entendida como forma de pertencer e participar, nos ensinando novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade; o desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas para-formais e vice-versa; ele também polui, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão. De uma maneira geral, o para-formal pode ser visto como um termômetro econômico, político e social dos acontecimentos dinâmicos nas cidades fronteiriças.

E, não menos importante, a pesquisa contribui metodologicamente ao compreender a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano, interferido diretamente na dinâmica da vida urbana e trazendo novas formas de pensar a cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRIS PÚBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas.** Buenos Aires: Bisman Ediciones; CCEBA Apuntes, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1).** São Paulo: Ed. 34, 1995.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- JACQUES, Paola Berenstein [org.]. **Elogio aos errantes.** Salvador: EDUFBA, 2012.